



CRÍTICA À PONTA DE FACA: genealogias da beleza feroz

Francine Carla de Salles Cunha Rojas¹ & Anny Caroline de Souza Marques²

Para escrever esse livro invento-me monstro, da maneira como só os navegantes sabem inventá-lo durante o transcorrer da viagem da descoberta.

SANTIAGO. *Viagem ao México*, p. 11.

Só ao leitor compete a tarefa da leitura.

SANTIAGO. *Meditações sobre o ofício de criar*, p. 173.

A palavra genealogia³ denota o sentido do estabelecimento da origem pelas relações contraídas (casamento, filiação, morte, divórcio, nascimento) no decorrer da história de determinada família a fim de instituir a árvore genealógica, documento comprobatória da narrativa familiar. Incorporada ao viés literário da Literatura Brasileira a genealogia se ocupará em constituir vínculos e gavinhas entre autores e suas obras e entre obras.

Nesse sentido o livro *Genealogia da ferocidade* lançado em 2017 pela editora Cepe, de Recife, faz parte de uma díade de publicações que celebra, de

¹ Francine Carla de Salles Cunha Rojas. PPGLETRAS/CPTL/UFMS/NECC. lucia_jbc@hotmail.com.

² Anny Caroline de Souza Marques. PIBIC/UFMS/NECC.

³ Cf. *Genealogias da amizade* (2009), de Francisco Ortega, e *Genealogias da moral* (1887) de Friedrich Nietzsche.

maneira magistral, os 80 anos de vida do escritor, professor, ficcionista e crítico literário brasileiro, Silviano Santiago. A obra é um ensaio sobre o livro *Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa, publicado em 1956 e, originalmente, compõem a edição venezuelana do livro de Rosa, pela editora Biblioteca Ayacucho e traduzido para o espanhol por Ángel Crespo.

O livro é composto por onze capítulos, sendo estes: “I. Cabo da tormenta”; “II. Domesticação”; “III. A lenta domesticação do selvagem”; “IV. A irascibilidade, ou Político”; “V. Milicos de direita, mercenários; milicos de esquerda, justiceiros”; “VI. De estranho a visita: a escuta com devoção”; “VII. Pactário”; “VIII. As ações que são as quase iguais”; “IX. A resvalar pela ironia dos romancistas: sereia e a rã”; “X. As belas infieis”; “XI. O Aberto e encerra com um *post-scriptum*”.

Inicialmente, vale ressaltar que resenhar esta obra é uma tarefa duplamente árdua. Primeiro, porque a mesma é parte da comemoração de 80 anos de Silviano, o qual escreve sobre dois autores relevantes na Literatura Brasileira, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Segundo, pelo autor deter-se em uma leitura crítica de *Grande sertão: veredas* sem recair na domesticação da obra, ao mesmo tempo em que realiza uma crítica da crítica. Desta maneira, é necessário cuidado para não se valer do mesmo recurso que a crítica da época utilizou, a domesticação.

Contemplando a circunstâncias diante das quais nos encontramos escolhemos duas epígrafes sintomáticas que, cada uma a seu modo, nos auxiliam. Para fazer referência a uma delas, a realizar a viagem da descoberta. A primeira pertence a um outro livro de Silviano, *Viagem ao México* (1995), sobre as viagens de Antonin Artaud ao país, a segunda, também pertencente ao crítico, compõem o texto “Meditações sobre o ofício de criar”, cujo cenário original situa-no como palestra realizada na UFF (Universidade Federal Fluminense).

No trecho recolhido de *Viagem ao México* interessa-nos ressaltar a recorrência da temática “monstro” pontuada no romance de 1995 e que reaparece ao longo dos escritos de Santiago culminando na obra *Genealogias*. Em comum a ambos os escritos o “monstro” que aparece no meados dos anos 90 e o “monstro feroz” do livro de 2017 reside a mesma fonte, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* e seu contexto de viagem, descoberta, percepção e invenção.

Se, nas circunstâncias da obra ficcional, o crítico se assume como monstro a fim de tramar uma tessitura, para remeter a etimologia da palavra “texto”, que

aproxime Silviano Santiago a Antonin Artaud, em *Genealogias* a monstrosidade feroz recai não somente como característica de Silviano, enquanto crítico atento, mas ao livro de Guimaraes Rosa e aos leitores das duas obras.

Em relação a segunda epígrafe, torna-se necessário esclarecer o motivo da escolha. Como dito, resenhar tal livro é empreendimento que inspira cuidado por demandar reflexão que não se fundamente a partir da base de uma leitura domesticada. É, portanto, natural que ao percorrer esse caminho deparássemos com dúvidas sobre se tal leitura pretendida era a que melhor contemplaria as diferenças e enriqueceria o diálogo.

Em meio ao momento de escrita e relendo “Meditações” percebemos, na epígrafe, o sinal de que Santiago, ainda que não facilite o trabalho do leitor, como afirma o crítico, delega a este a liberdade de efetuar sua própria leitura. Direito que, como leitoras e resenhistas, fizemos valer e aqui imprimimos.

Em dada entrevista a Suplemento Pernambuco, Silviano conta que sua primeira edição de *Grande sertão: veredas* foi presente de Ezequiel Neves, um grande amigo e personagem presente no livro *Mil rosas roubadas* (2014). O crítico descreve os dizeres de Ezequiel ao entregar-lhe: “Eu não gostei muito, mas sei que você vai gostar”. O crítico mineiro não deixa de expressar que seu amigo estava certo. Tanto é que, passado exatos 61 anos, resolve escrever a respeito desta obra-prima e a publica neste momento tão especial de sua vida.

A princípio o crítico literário expõe sua percepção do romance rosiano como um monstro dentro do contexto literário. Relação esta estabelecida pela aproximação com o personagem do gigante Adamastor, guardião do oceano Atlântico que dá caminho e leva os lusitanos à Índia, do livro *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Dada metáfora, compreende-se a característica pela razão de *Grande sertão: veredas* ser uma obra contrária a tudo o que estava sendo considerada como literatura no Brasil. Por isso a concepção de ferocidade. Esta característica diz respeito a fatores internos do romance, as personagens (jagunços) e suas ações dentro da narrativa e para ilustrar esse caso Silviano cita o jagunço Hermógenes:

Destaque para a fúria desmedida do bandido Hermógenes, que não por acaso apelidado de monstro e de diabo, homem que tem que ser morto para que respanda o que não é mais passível de ser esplendor – a qualidade selvagem (*the wilderness*)

do enclave depois que o homem ali põe o pé para modela-la a sua maneira e no ritmo das suas trapaças financeiras, ditas civilizatórias.⁴

Ainda em relação à ferocidade é válido pontuarmos que se trata também de um elemento externo ao texto. Dessa forma, como destaca o crítico, o livro de Rosa destoa violentamente das produções culturais:

Como um monstro, ele emerge intempestivamente na discreta, ordeira e suficientemente autocentrada vida cultural brasileira, então em plena euforia político-desenvolvimentista. Guimarães Rosa o escreve monstro para que sua qualidade selvagem se destaque com nitidez na paisagem modernizadora do Brasil, tal como configurada pelo Plano de Meta da Presidência da República, que maximiza a indispensável e rápida industrialização de país até então reputado subdesenvolvido.⁵

O escritor brasileiro não tem a pretensão de nos fazer pensar que *Grande sertão*: veredas é uma leitura fácil, muito menos que é uma “pilastra em concreto armado, geometricamente perfeita”⁶ como as produções da época – Bienal de São Paulo (1956), poesia de João Cabral de Melo com abstracionismo geométrico, pintura de Ivan Serpa, Bossa-nova entre outras – Pelo contrário, Santiago sabe muito bem que é preciso tratar a obra de Guimarães Rosa como uma “pedra lascada”⁷, a qual exige esforço do leitor para desconstruir os estereótipos atribuído a mesma.

Todavia, seu autor, intelectual que não se encaixava nas categorias autoritárias da época, nos é apresentado na escala de Ezra Pound, intelectual vanguardista americano e autor do relevante livro *ABC da Literatura* (1934), que hierarquizou a atividade criativa, como sendo: “(1) inventores, (2) mestres, (3) diluidores, (4) bons escritores sem qualidades salientes, (5) beletrista (*writers of belles lettres*) e (6) lançadores de moda”⁸. Silviano afirma “Guimarães Rosa –

⁴ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 33.

⁵ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 11.

⁶ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 11.

⁷ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 11.

⁸ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 15.

assim como os poetas concretos e neoconcretos que lhe são contemporâneos – se enquadra na mais alta categoria poundiana. É um inventor.”⁹

Esclarecido o cenário brasileiro da época e seu autor, Santiago outorga ao monstro a posição de rochedo. Este interrompe a viagem da literatura brasileira, por despencar ladeira abaixo, devido as fortes chuvas, em direção aos trilhos do trem em que a mesma segue viagem. Diante desta analogia, compreendemos que *Grande sertão*: veredas rompe com uma tradição perpetuada pelos críticos literários dos anos seguintes a sua publicação, que não incide em uma visada negativa sobre o romance.

O romance está presente em um território que se localiza dentro dos limites de outra região. Ou seja, a obra é vista como um enclave, já que *Grande sertão*: veredas é uma alegoria que realiza uma crítica à política desenvolvimentista do governo brasileiro sem que estas estejam assentadas na preocupação com o social. Assim, a recepção ao monstro, como o ficcionista intitula, foi excludente. *Grande sertão*: veredas aborda tudo, exceto o contexto no qual está inserido. E é esse sentido em que o livro constitui-se como um enclave na literatura brasileira. No decorrer da leitura de *Genealogias* o escritor traz à tona o posicionamento da crítica literária brasileira e o lugar atribuído a Rosa. Santiago conta:

Quando os primeiros leitores anônimos de *Grande sertão*: veredas e os escritores brasileiros bem-estabelecidos passam a verbalizar em conversa e nos jornais provocações grosseiras contra o romancista e impropérios contra a obra, Rosa não pode compartilhar o infortúnio com um grupo fechado de companheiros e militantes que o defenderia em praça pública, como é o caso anterior dos poetas da Geração 45, contestados pelos ideólogos de plantão por serem por demais formalistas; e é também o caso dos vanguardistas da arte.¹⁰

Sem um grupo para partilhar sua situação, podemos afirmar que, a princípio, Rosa estava sozinho no meio literário, ou melhor, seguia viagem apenas com seu monstro ao lado:

Quando publica *Grande sertão*: veredas, Rosa é um romancista solitário, relativamente desconhecido tanto na imprensa tradicional quanto na emergente imprensa nanica. É por isso que, tão logo lançado o livro, tem de se insinuar estrategicamente pelas brechas da vida literária nacional, fantasiando-se de solitário,

⁹ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 15.

¹⁰ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 14.

cavaleiro andante em defesa da insólita e exclusiva causa estética, política e social, seu monstro.¹¹

A primeira revista que positivamente abriu as portas para Rosa foi o periódico de cunho filosófico, conhecido como “Diálogo” do ano de 1957. Ao fazermos esta afirmação, não estamos descartando suas obras anteriores e nem posteriores a *Grande sertão: veredas*, porém, foi à mesma que se destacou e tomou grande repercussão diante das outras e alavancou sua carreira.

Em *Genealogia*, Santiago continua por elencar algumas críticas feitas sobre *Grande sertão*, logo quando publicado. Um dos maiores críticos da época, como o escritor, ensaísta brasileiro e um dos fundadores do neoconcretismo, Ferreira Gullar, relatou “Li 70 páginas do *Grande sertão: veredas*. Não pude ir adiante. A essa altura, o livro começou a parecer-me uma história de cangaço contada para os linguistas. Parei, mas sempre fui um péssimo leitor de ficção”.¹²

Outra crítica é do uruguaio Emir Rodriguez Monegal, o qual disse sobre o monstro: “Cada palavra, quase cada sílaba do romance havia sido submetida a um processo criador, que obrigava o leitor a progredir, se progresso havia, a passos de tartaruga. Custei um pouco a vencer a humilhação de crer que havia perdido uma das línguas de minha infância”¹³

Entre estes relatos, o romancista baiano Adonias Filho publica um artigo intitulado “Guimarães Rosa: um equívoco literário”¹⁴, em que se nota tamanho desgosto para com o livro. A questão que explica o porquê destas críticas feitas à obra de Guimarães Rosa girava em torno do cenário da época. Como já mencionado, o romance ia contra tudo o que estava sendo produzido e contra ao que a crítica estava acostumada apreciar. Diante desse prisma, Silviano ressalta que os críticos detiveram o poder de posicionar o livro a partir de sua percepção sobre o seu autor:

Em época em que o artista enquadra a si e aos demais em altíssimo e inquestionável patamar e o julgamento da obra pelo crítico tem de ser consequentemente

¹¹ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 13.

¹² SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 19.

¹³ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 19.

¹⁴ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 19.

fulminante, Guimarães Rosa e seu romance só são o que os outros deixam ser. Os dois sobrevivem desvalidos, sem apoio de grupo geracional, e á espera de estratégia de lançamento eficiente, a ser assumida às pressas pelo autor, figura relativamente desconhecida na cena artística.¹⁵

Santiago não deixa de enfatizar o poder político da obra. Além das dificuldades encontradas pelos críticos em suas leituras, foi notado que no romance rosiano havia uma crítica ao desenvolvimentismo, ou seja, um caráter político. Em entrevista à Folha de São Paulo, Santiago diz que a crítica encontrada na obra de Guimarães Rosa foi “a mais radical já feita”¹⁶. Embora não tenha abordado apenas críticas a estes acontecimentos, a obra possuía contexto de emersão com a questão estética da época.

Nessa direção, uma maneira para facilitar a leitura, se é que podemos afirmar isso, foi à comparação da qual se valeu Antonio Candido quando escreveu um ensaio estabelecendo uma aproximação com a obra *Os sertões* de Euclides da Cunha, a qual foi publicada em 1902. Esta por anteceder *Grande sertão: veredas* foi usada para dar base a compreensão do monstro rosiano. Entretanto, é preciso pensar na problemática desta comparação devido à diferença de 50 anos de publicação e do mesmo ser um livro histórico.

Desta tentativa de domesticação, Candido elenca três pilares de *Os Sertões* e o equiparam com o romance. Esses pilares são: a terra, o homem e a luta. Porém, o crítico literário se vale apenas dos dois primeiros. Pois como explica Silviano:

Candido despreza apenas o terceiro elemento, “a luta”, por razões que só a história nacional que inspira Euclides da Cunha explica (“a luta” se dá ao fim do século 19, entre a milícia republicana cidadiana e os revoltosos monarquistas beatos). Assim o que num livro é “a luta” enquanto fato histórico da nacionalidade, vira na prosa de rosa “o problema” que anuncia a dramatização de comportamento masculino divergente/desviante, tanto do ponto de vista religioso quanto do ponto de vista do código de honrabilidade ibero-americano.¹⁷

Desta maneira, lemos que o crítico mineiro não descarta este terceiro pilar. Pelo contrário, o mesmo se vale dele para erigir uma discussão acerca do

¹⁵ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 14.

¹⁶ Entrevista disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/03/1869431-critica-tentou-domesticar-grande-sertao-veredas-diz-silviano-santiago.shtml>>.

¹⁷ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 37-38.

comportamento sexual daqueles personagens, como é o caso de Diadorim e Riobaldo. Este problema incorre pela falta de compreensão do sentimento entre ambos e a luta contra as ideias conservadoras da sociedade sobre relacionamento homoafetivo.

A partir dessa forma de domesticação, a comparação entre as obras, Silviano alude para a relação domesticador e domesticado. Para melhor compreendê-la, recorremos a alusão feita por Silviano, e que consiste em:

Confrontem o rosto da obra e o rosto do crítico! Cliquem! Na foto clicada, reparem bem, o cachorrinho domesticado no colo do seu dono! Tornam-se tão semelhantes no processo de domesticação que, se lado a lado, já não se distingue o focinho de um e a cara de outro. Os dois se entregam acasalados e felizes a quem tem a curiosidade de querer conhecer a ambos na intimidade. [...] Reparem como os dois são iguaizinhos: o focinho domesticado do Grande sertão: veredas e a cara do crítico. Já domesticado, o animal parece zumbi. É zumbi. Perde a própria vida para ganhar a sobrevida como forma autônoma da morte do selvagem que é apenas impressa nele, passa a existir só nele. O doméstico (em crítica literária) é pulsão de morte: ressalta a qualidade fantasmática de monstro selvagem morto. A vida doméstica do antigo animal selvagem vira dependência da pulsão de vida alheia e humana, demasiadamente humana.¹⁸

Notamos que essa tentativa de domesticação faz com que diminuam a monstruosidade da fera que existe dentro da obra. Essa tentativa foi ocasionada pela simples incompreensão dos críticos da época para com a grandiosa e radical crítica realizada contra o desenvolvimentismo no país. Silviano atribui a essa domesticação o adjetivo irascível. Na qual entendemos:

A irascibilidade – como a entendemos se induzida pelo substantivo ira no texto do romance -, antes de ser uma propriedade psicológica do indivíduo a ser analisado quando na observação da ação do protagonista ou dos protagonista ou dos personagens, tem a ver, na verdade, com a imposição do gregário no sertão por um gesto disciplinar, é fala autoritária, A ira é o motor da disciplina e da autoridade no Alto São Francisco.¹⁹

Essa ira faz-se presente tanto dentro quanto fora da obra do enclave mineiro, o qual é provocado pela ferocidade dos personagens e dos críticos que a leem e não a compreendem. Essa domesticação foi melhor observada depois da ditadura

¹⁸ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 34.

¹⁹ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 44-45.

militar de 1964, em que intelectuais se valeram das características externas da obra, embora a mesma não relate a história nacional.

Ao se configurar como uma outra leitura de *Grande sertão*, ao mesmo tempo em que engendra uma crítica da crítica da época, *Genealogia da ferocidade* erige uma proposta de leitura alegórica e cultural. Cultural, pois Silviano Santiago se preocupa em pontuar, de forma cuidadosa, que o livro possui uma atualidade dentro do contexto histórico-político-cultural vivenciado pela posteridade, por esse motivo entrelaça o enclave representado pelas favelas do século XIX e a prisão Carandiru ao enclave Rosiano. Alegórica visto que seu título, atribuído não por acaso, emblematiza a principal característica delegada à obra de Rosa pelos críticos que tentaram domesticá-la: a ferocidade, e, por ser anacrônico, o faz criando uma cisão com o tempo cronológico:

Em outras palavras, a temporalidade particular se define por contrariar a todo-poderosa cronologia; define-se pela atemporalidade da sua inserção no Tempo. Trata-se de um enclave arcaico, perdido por detrás da serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, a esbofetear a pseudomodernidade do pós-colonialismo no Brasil e na América Latina. O negativo – o prefixo grego na/acrônico e da a/temporal – é a forma absoluta do *desabono do tempo histórico*, tal como exposto literalmente pela enclave arcaico, ou, de maneira metafórica, tal como exposto literariamente pelo multifacetado e cultural Gabinete de Curiosidades (*Wunderkammern*), curado pelos europeus desde as grandes descobertas modernas.²⁰

187

O qualificativo outorgado justifica-se pelo livro dissonar do abstracionismo das artes visuais (Ivan Serpa), da tranquila bossa nova (música “o barquinho”) e da poesia feita aos moldes da época (o calculismo do poeta João Cabral de Melo Neto). Para o crítico: “O grande sertão fala de tudo menos disso. Eu acho que era proposital a intenção de Guimarães Rosa de fazer uma leitura radical das formas de desenvolvimento brasileiro. Não interessa a época porque é uma alegoria”²¹.

A roupa alegórica com a qual se veste o monstro feroz de Rosa é constituída pela sua atemporalidade o que, por conseguinte, faz com que o romance transite pelo tempo e demonstre sua atualidade. Sua constituição atemporal prepara e alimenta o terreno literário para o nascimento da leitura do romance como um

²⁰ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 103.

²¹ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nodxjx3y49M>.

enclave, ou seja, espaços territoriais de uma determinada localidade (país) que se encontra encerrada dentro dos limites de um território diferente.

Dáí pensar na associação, por um lado, das favelas, do Carandiru e de outras prisões como enclaves no território nacional e *Grande Sertão*: veredas como o enclave localizada na interioridade da bem comportada “Literatura Brasileira” do século XX. O enclave trata de construir um espaço e alocar o livro dentro de um sistema literário “bem-comportado” situado no universo das *belle lettres*.

Nesse sentido são relevantes as considerações efetuadas por Santiago quando do lançamento de *Genealogia* em 2017. Destacamos dois desses momentos e que consistem em duas falas do crítico mineiro em *book trailers* explicando, a partir de contornos gerais, sobre o que trata seu mais recente livro crítico/ensaístico.

A primeira transcrição pertence ao vídeo em que Santiago é entrevistado sobre seu livro. O recorte que efetuamos obedeceu ao interesse em ressaltar que a *ferocidade* assinalada pelo título da obra, bem como pela crítica da época, é imbrincada a crítica de caráter cultural e social visto que entrelaça o rompimento do livro de Rosa para com o que se vinha produzido até então, em termos de Literatura, à política de desenvolvimentismo desenfreado da época de seu lançamento e da posteridade. Citamos Santiago:

Então, eu acho que era proposital a intenção de Guimarães Rosa de fazer uma leitura radical das formas de desenvolvimento brasileiro. Não interessa a época, porque é uma alegoria e esse desenvolvimentismo que é feito sem o mínimo cuidado, social, sem o mínimo cuidado humano, criando, portanto, não na região áspera do Contestado, numa revolução, mas criando enclaves de rebeldia tanto nas regiões distantes do país quanto nas próprias metrópoles. Então essa alegoria, se você me permite, poderia representar Carandiru, o enclave, entende? Dentro da cidade mais importante do Brasil que é São Paulo [...].²²

No segundo momento, em um outro vídeo fornecido pelo Suplemento Pernambuco, Silviano Santiago aprofunda, a partir de uma leitura alegórica, a aproximação efetuada entre *Grande Sertão*: veredas a enclaves modernos, muitos dos quais noticiados pela televisão. De acordo com o crítico:

²²“Uma Nova Leitura Sobre”. Entrevista com Silviano Santiago. 04’07. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=nodxjx3y49M>>. Acesso em 25 de julho de 2017.

Grade Sertão: veredas é aquele enclave que foi constituído exatamente por uma modernização à pressas, corrida poderia ser exemplificada pelo que constitui no final do século a favela, no Rio de Janeiro, ou as prisões atuais do Rio Grade do norte, do Amazonas ou em São Paulo. Onde os valores dominantes são a anarquia e a ferocidade. Tá muito claro no romance que para você sobreviver aquelas condições você tem de matar.²³

Entender que o livro *Genealogia da ferocidade* e, por extensão *Grande Sertão*: veredas, tece uma contundente crítica emblemática as políticas de desenvolvimentos é compreender que, por um lado tais políticas mencionadas operam de acordo com um código pautado pelo que o crítico vai chamar de “irascibilidade”, isto é, o domínio (tentativa) e a imposição da disciplina da ferocidade pela força, e, ao mesmo tempo, instituem um espaço cerceado criando uma zona estranha dentro de outra.

A irascibilidade se configura, na genealogia da crítica do romance de Rosa, como recurso da crítica a fim de incorporar o livro à família literária brasileira e, para atender ao preceito historiográfico, engendrar o sistema de relações/filiações que a fundamenta. No que concerne ao plano narrativo irascível é a atitude daquele, crítico/leitor, que considera, a partir do pensamento binário, as personagens como opostos sem, contudo, relevar que atuam na narrativa justamente para corroborar um pensamento paradoxal:

É *irascível* (como a raiz *ira* de *irascível* ao *Grande sertão*: veredas, como se verá adiante) a atitude sentenciosa do crítico que lança luz sobre a caracterização do personagem rosiano como figuras opostas e em conflito, plantadas em lugares imutáveis. A atitude sentenciosa de leitor é típica do adestramento que julga que o ser humano só possa *evoluir* em sentido único e progressivo (pouco importa que o norte da evolução, se positivo ou se negativo em termos teológicos). A irascibilidade do adestrador só é contrariada pelo calmante de algum paradoxo inesperado que, se bem trabalhado, e o é algumas vezes e felizmente por Candido²⁴.

Ao alinhar *Genealogia da ferocidade* e *Grande sertão*: veredas ao nascimento das favelas no século XIX, ou então a Carandiru, as prisões do estado do Amazonas e do Rio Grande do Norte, Santiago está assumindo um posicionamento que é, sobretudo, político dentro de um contexto que, a exemplo

²³ “Genealogia da ferocidade”. Entrevista com Silviano Santiago. 04’07.

²⁴ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 43.

dos dois últimos casos supracitados²⁵, evidencia o caráter irascível tentando domesticar a ferocidade dos elementos.

Sua posição enquanto crítico consciente das circunstâncias histórico-políticas de que são tecidas as reflexões revela um processo simbiótico gerado pelo encontro da *ferocidade* do universo rosiano, bem como a dos jagunços que o habitam, com a *ferocidade* crítica de Silviano Santiago cuja leitura passa pelo crivo da relação da obra de Rosa com o entorno de seu nascimento. Uma vez que, como bem pontua o crítico:

Naquele momento histórico, o monstro rosiano desorganiza e desnorteia o ideário em pauta da nacionalidade porque ele sobrevive confinado estreito e fechado, autêntico *enclave arcaico* dentro da jovem nação brasileira. Segundo as palavras do presidente da República, o Brasil se modernizaria 50 anos em 5 anos de governo. Bem desenhadas na região conhecida por Alto São Francisco, as fronteiras do enclave monstruoso não bloqueiam o transpasse dos limites naturais e imprecisos por viajantes estrangeiros ou por visitantes brasileiros.²⁶

Elemento estranho, dentro do “círculo familiar” literário e cultural brasileiro, desperta diversas reações que consistem basicamente em opiniões e comentários detratores do livro e de seu autor e tentativas de entendê-lo através de parâmetros e métodos de análises eleitos. O estranhamento *quicá* deriva-se pelo fato de que o protocolo da apresentação da literatura não tenha sido seguido à risca, visto que muitos ingressavam através das portas dos suplementos literários e Guimarães Rosa, como que um intruso, adentrou sem as “bênçãos” promulgadas pela família literária brasileira o que constitui crime grave na etiqueta da Literatura Nacional.

Do primeiro caso não temos como ignorar que as reações adversas originam-se por leitores e críticos não estarem aparelhados para a devida leitura do romance. Dessa forma Santiago pontua que inserido em universo antagônico “Rosa não tem companheiro de geração ou de escola para defendê-lo; será, no

²⁵ Como afirmado, ao trazer à tona a comparação com as prisões Santiago ressalta a relação com fatores históricos ocorridos não há muito tempo. Basta recordar das violentas revoltas que culminaram em várias mortes no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (AM), 56 mortos, na Penitenciária Estadual de Alcaçuz (RN), com 26 detentos mortos e dos 111 mortos no Massacre do Carandiru em 02 de outubro de 1992.

²⁶ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 12.

entanto estudado e avaliado pela melhor e também pela boa crítica literária brasileira”²⁷.

Interessa-nos deter mais no segundo ponto elencado, posto que compreende uma estratégia crítica de leitura/entendimento ainda hoje popular como parâmetro para situar dentro do denso universo do livro. Silviano, no sintomático capítulo “Lenta domesticação do selvagem”, elenca um rol de leituras críticas feitas no período do lançamento e dos anos posteriores ao lançamento de *Grande Sertão* dos quais a mais representativa é a leitura feita por Antonio Candido no ensaio primeiramente publicado com o título de “O sertão e o mundo”, no oitavo número da revista *Diálogo*, e posteriormente, a partir de um trecho de *Grande Sertão*, como “O homem dos avessos” presente em *Tese e antítese* (1964).

A proposta de leitura do autor de *Formação da literatura brasileira* (1959) é atravessada pelo método comparatista ao aproximar os universos de *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha a *Grande sertão*. O critério de análise implicado pelo procedimento é o de aproximação pela aparente semelhança do *habitat* em que cada uma das narrativas ocorre o que faz com que Silviano pontue que: “Mas eu percebia que essa maneira de conformar *Grande sertão*: veredas a *Os sertões* de Euclides da Cunha acabava domesticando. Daí vem a ideia principal que está no *Genealogia da ferocidade*”²⁸. O terreno, a princípio conhecido, revela-se desconhecido, justamente, por ser identificado como movediço pelos leitores menos domésticos.

Para Santiago a domesticação, através da comparação com *Os sertões*, está entrelaçada, no plano metafórico, a uma outra ilusão, a proposta ufanista de desenvolvimento do presidente da época, Juscelino Kubitschek, de “queimar” cinquenta anos de atraso em cinco anos de governo desenvolvimentista:

Ilusão se casa com ilusão. Só a ilusão proposta pelas sobre-capas, de que *Os sertões* é o primeiro e melhor exemplo, pode se casar com a afirmação, obviamente ilusória, do senhor Presidente da República do Brasil que afirma querer “queimar cinquenta anos (ou seriam quatrocentos e cinquenta anos?) de História em cinco anos de governo”. Desse descompasso – cronológico e, não nos envergonhemos, ufanista –

²⁷ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 15.

²⁸ VIMEO. *Genealogias da ferocidade*. Disponível em: <<https://vimeo.com/216870124>>. Acesso em: 01 de julho de 2017.

advém o fato de que as sobrecapas que recobrem de forma resistente (ou de maneira mais feliz) a qualidade e a beleza selvagem do monstro sejam de caráter histórico-descritivo da nacionalidade enferma.²⁹

Sabemos que qualquer leitura implica em escolhas e que a crítica, sobretudo determinadas críticas, julgam de acordo com convenções estabelecidas a base de inclusões e exclusões, isto é, semelhanças e diferenças. Para Silviano Santiago a leitura de *Candido* se embasa no princípio de que o universo euclidiano é o *habitat* em que o feroz livro de Rosa é domesticado. Incorporado aos “domínios” d’*Os Sertões* o *Grande sertão*, sob o olhar admoestador do crítico, passa a ser lido como o representativo do universo humano.

No entendimento do domesticador *Grande Sertão*: veredas é incorporado ao ambiente já conhecido e moldado por Euclides da Cunha, visto ter aquele adentrado na Literatura Brasileira quando este já era conhecido, isto é, Santiago recorda que o livro de Rosa “[...] é entregue ao público no momento em que *Os sertões*, de Euclides da Cunha, já é de casa”³⁰.

A busca de natureza genealógica por parte dos críticos circunscreve o romance rosiano na paisagem de *Os Sertões*. Com o “falso DNA” em mãos, leitores e críticos passam a “admirar” as peripécias de Riobaldo, Diadorim e demais integrantes do universo romanesco, de forma paternal estabelecendo uma relação fundamentada na domesticação: “Não é fofo meu animalzinho de estimação? Repare bem, não tem a cara do dono?”³¹ ironiza Santiago.

A leitura obedece a criação de semelhanças como requisito maior para adentrar, ainda que com desconfiança, a família literária do país. A busca por semelhanças a fim de construir redes de relações encontra no *habitat* o primeiro fio que estabelecerá a rede de domesticação.

Comparar estes dois universos é entender que as obras estabelecem sistemas de filiações que permitem a si inserção no universo cultural, em outras palavras, veste-se o “desnudo” romance de Guimarães Rosa com as vestes do livro de

²⁹ SANTIAGO. *Genealogia da ferocidade*, p. 102.

³⁰ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 97.

³¹ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 97.

Euclides da Cunha. Apresentado a proposta principal de Candido, Silviano considera que:

Quem domestica estabelece um contrato desvantajoso para (ou pernicioso) com o que é selvagem a fim de que no passo-a-passo da leitura – por toque, carícia, manha, beijo, amor ou porque sentimento dito humano ou nobre – traga para seu lado a figura a ser domesticada, traga-a para sua casa, para seu colo, para sua biblioteca, fazendo com que corresponda não só ao(s) interesses(s) do domesticador como também para que lhe sirva de companhia no universo pessoal e íntimo que se lhe apresenta mais e mais desabitado.³²

A comparação com os *Sertões* configura como recurso de domesticação frente a ferocidade de *Grande Sertão*. Comparar, como ferramenta de metodologia crítica empregada para tornar conhecido o desconhecido, viabiliza uma degustação palatável sem os contras de possíveis indigestões. Em sua leitura cuidadosa e alegórica Silviano Santiago comenta que: “A primeira atitude de quem lança um animal selvagem no campo aberto e o adentra no curral da fazenda é a de procurar descobrir, ou de inventar, um novo ambiente de vida que venha a lhe satisfazer as necessidades vitais e lhe ser agradável aos sentidos [...]”³³.

A comparação efetuada é uma estratégia para situar o leitor diante de algo desconhecido e, por extensão, situar a obra no sistema literário. Compara-se, como já dito, para assimilar. Dessa perspectiva, e na esteira da Santiago, compreendemos que a “domesticação” não é um aprendizado, mas uma ação a qual o ser a ser domesticado, no caso a ferocidade do livro de Guimarães Rosa, nunca é “devidamente” realizada.

Na “pedagogia” da domesticação comparar é domar um animal selvagem. No que concerne aos parâmetros do universo literário das primeiras críticas do romance comparar é tornar a violência e a radicalidade da semântica rosiana palatáveis ao gosto dos leitores e dos críticos. Silviano Santiago ressalta que, mediante as perspectivas comparatistas, cosmopolitas das quais a fortuna crítica da obra se valeu é chegado o momento: “[...] de enfrentar o crítico e o historiador

³² SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 33 - 34.

³³ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 35.

da literatura que adota valores universais *eurocêtricos* para ocupar o posto de porta-voz de todos os colegas de profissão [...]”³⁴.

O ato de desconstruir as categorias que abalizam o discurso crítico acerca do romance e, por extensão, a leitura domesticadora, encontra na dissolução da ligação proposta pelo discurso histórico literário o *lôcus* de sua emersão. Santiago bem nos recorda que: “Desconstruir significa desatar o elo proposto pela tradição historicista e amistosa, ainda que o desconstrutor momentânea ou estrategicamente, deixe o alto-falante a ronronar inútil e interminavelmente”³⁵.

Como leitor cuidadoso Silviano Santiago reitera que a leitura desconstrutora, como a que emprega acerca da fortuna crítica do romance de Guimarães Rosa, não desconsidera o que já foi dito e escrito sobre o livro, mas, principalmente visa questionar a metodologia e os parâmetros que abalizaram os estudos:

A desconstrução não visa a escorraçar do palco da arte a crítica especializada, por isso não tem como finalidade exibir a criação literária – o romance ou o poema – tal e qual. Ela simplesmente questiona os labirintos corretos ou os subterfúgios mistificadores usados pelos adestradores para deles se valerem com ou sem pertinência. Nomeia uma estratégia teórica, embora não indicie um caminho teórico único. Depois de mil e um protocolos de leitura, a desconstrução quer encarar o romance publicado, no caso *Grande Sertão: veredas*, como o monstro que permanece selvagem, até mesmo quando adestrado por competentes e exímios treinadores³⁶.

A leitura desconstrutora, apontada por Silviano, foi basilar, tanto para a leitura que efetuou da fortuna crítica do romance, quanto pela possibilidade criada de uma mudança em relação a determinado aspecto que desejávamos discutir. A leitura da capa constituiu um árduo exercício particular, uma vez que nossa leitura inicial se esbarrava na associação da sereia como elemento representativo da ferocidade atravessado pelo viés mitológico, reflexo da herança ocidental:

³⁴ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 100.

³⁵ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 101.

³⁶ SANTIAGO. *Genealogias da ferocidade*, p. 96.

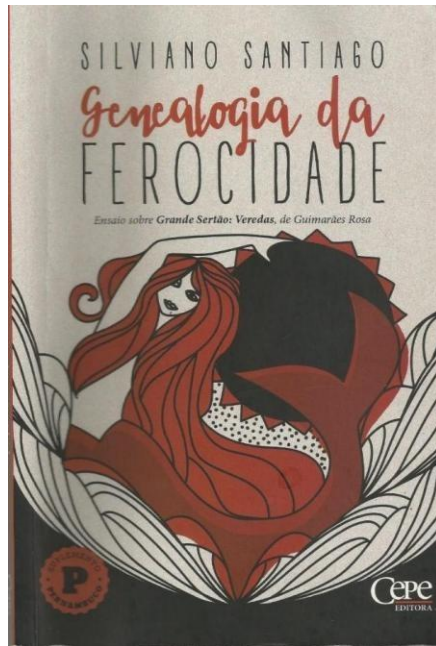


Figura 1 – Capa do livro *Genealogias da amizade*

Fonte: Biblioteca pessoal

195

Ao constatar que a leitura inicialmente engendrada recaia em uma leitura eurocêntrica embasada na herança mitológica grega, decidimos, ainda sim, manter e reprodução da imagem, mas através de um prisma diferente. A guinada no ponto de vista foi fruto do envio dos nossos apontamentos ao crítico. Da atenciosa resposta obtida, efetuamos um recorte e reproduzimos os principais pontos:

1. Acho perigoso (mas isso não quer dizer que não tenham o direito a) abordar a questão da ferocidade a partir da imagem da sereia que está na capa. O termo é muito preciso no próprio texto de Guimarães Rosa. Traduz por assim dizer um rito de passagem, a heroificação do ser humano em ambiente tão inóspito como é o enclave no Alto São Francisco. Lá está que a ferocidade é um valor mais alto que se adquire no momento em que o sertanejo mata uma onça a faca e come cru o seu coração.³⁷

³⁷ SANTIAGO. *Versão eletrônica por e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por lucia_jbc@hotmail.com em 01 de setembro de 2017.

Pelo viés de análise mitológico que inicialmente empregaríamos a sereia correspondia ao ser cujo atributo principal era “seduzir” os navegantes e arrastá-los para o fundo do mar, por tal motivo era também dotada de ferocidade aliada à ideia de bestialidade. Como um ser cujos atributos a transformaram em “monstro feroz”, ainda que sedutor, criou-se a correlação entre a ferocidade tão bem trabalhada em *Genealogias da ferocidade* e a ferocidade da sereia mítica. O terceiro ponto elencado por Santiago foi o que nos alertou para uma outra perspectiva:

3. Por outro lado, naquele mesmo romance, está trabalhado um conto infantil que tem muito a ver com o romance de Rosa. Nele, está a questão da água (no caso marítima, e não fluvial como no *Grande Sertão*) que é o elemento natural que distancia definitivamente a geografia do romance mineiro da geografia do romance Os sertões, onde o local é árido, seco, praticamente sem rio corrente. Tem ainda a ver com o romance de Rosa porque a sereia é uma figura híbrida – meio mulher, meio peixe. E os híbridos são importante no universo rosiano. Tudo é e não é – eis uma afirmação recorrente na ficção.³⁸

Ao abordar, na leitura da capa de *Genealogias da ferocidade*, a sereia como uma analogia à recorrência da hibridez no romance de Rosa, reverte-se a leitura mitológica da sereia sedutora e feroz e, sob a égide de “Tudo é e não é”, a mulher-peixe é diluída no universo dos jagunços e reforça a dubiedade do enredo. Sereia, Diadorim, Riobaldo, a assinatura ou não do pacto são elementos que instauram a hibridez/incerteza/dúvida, ou melhor, seria dizer *a neblina?*. Ainda sobre a capa Santiago comenta que:

5. A capa – última *informação* e não leitura – é um objeto comercial. Visa a atrair os olhos de um possível e futuro leitor. A ideia de uma sereia na capa foi minha, mas uma sereia esculpida em madeira por um artista popular (que está na coleção Bo Bardi). Não funcionaria muito bem na capa, me disseram. Foi então escolhida pela Editora uma imagem de um bom artista pernambucano e essa imagem, por sua vez, foi trabalhada por uma jovem artista plástica que também é capista de profissão. Repare que a ideia de sertão já está no próprio título de Rosa. Mas não se trata do sertão de Euclides. Daí também o interesse em salientar o lado “aquático” (rã, fluvial e no romance, e sereia, em conto infantil) na geografia do romance, salientado mais ainda por uma figura da cultura popular tomada de empréstimo duma bela leitura (certamente brejeira, ou irônica) feita pelo genial Thomas Mann.

³⁸ SANTIAGO. *Versão eletrônica por e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por lucia_jbc@hotmail.com em 01 de setembro de 2017.

Fico por aqui, esperando que essas informações (grifo) para a leitura do ensaio que será só de vocês.

Muito obrigado,

Silviano.³⁹

Tomada de empréstimo do conto infantil presente no romance do escritor alemão Thomas Mann, *Doutor Fausto* (1947), a sereia reside como componente do elemento paratextual, capa, de *Genealogia* e encontra na “rã” de *Grande Sertão* um paralelo. Ambas figuras são lidas por Santiago, salvo as devidas diferenças contextuais, acopladas a ideia de pacto e de volta aos *frios da razão* (SANTIAGO, 2017).

Volta, de certa forma, impossível de acontecer em se tratando de um monstro vestido com roupas alegóricas, como é *Grande Sertão*. A genealogia de sua ferocidade e, por extensão, do tratamento que a fortuna crítica atribui ao livro comprovam-no. A narrativa que nos conta a *Genealogia da ferocidade* revela que aproximações efetuadas sob o jugo da racionalidade e da situacionalidade literária com obras *de casa* (SANTIAGO, 2017) devem e podem ser deslocadas em prol das aproximações à ponta de faca.

197

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTIAGO, Silviano. *Genealogias da ferocidade*. Recife: Cepe, 2017.

SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995,

SANTIAGO, Silviano. Meditações sobre o ofício de criar. *Revista Aletria*. Belo Horizonte: UFMG, ano 2, vol. 18, p. 173-179, 2008.

Youtube. Uma Nova Leitura Sobre "Grande Sertão Veredas". Vídeo (3min30secs). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=nodxjx3y49M>>. Acesso em 14 de agosto de 2017.

Vimeo. Genealogias da ferocidade – *booktrailer*. Disponível em:< <https://vimeo.com/216870124>>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

³⁹ SANTIAGO. *Versão eletrônica por e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por lucia_jbc@hotmail.com em 01 de setembro de 2017.

Resenha Recebida em 29 de outubro de 2017.

Resenha Aceita em 05 de janeiro de 2018.

